

KUPFER, D. O Vôo da Liberdade. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 14/10/2013. Disponível em: <https://valor.globo.com/opiniaao/coluna/o-vooo-da-liberdade.ghtml>.

O Vôo da Liberdade

14/10/2013

Têm sido frequentes as menções a um suposto processo de reindustrialização que estaria em curso na economia americana. É certo que existem alguns fatos novos favoráveis a uma evolução positiva da indústria dos EUA nos próximos anos. Mas daí a tentar revesti-los como evidências para a tese de que a indústria americana está passando por uma revolução, que vai recolocá-la na dianteira mundial em poucos anos, é um exagero sem qualquer aderência à realidade.

Senão vejamos: primeiro, tenta-se valorizar a melhora das exportações do país no pós-crise, que em 2012 foram cerca de 1/3 maiores do que em 2007, como sendo um indício do retorno da competitividade industrial perdida. O que importa, porém, é que a balança comercial dos EUA, mesmo que apresentando um resultado melhor em cerca de 100 bilhões de dólares ao do período pré-crise, segue apresentando um déficit abissal – e crescente, já se aproximando da casa dos 800 bilhões de dólares no ano passado. Como os Estados Unidos são os únicos emissores de dólares, esse quadro pode não ser crítico do ponto de vista macroeconômico, mas daí a desprezá-lo como sintoma de um desequilíbrio estrutural que dificulta em muito, se não inviabiliza, a construção de um padrão sustentável de crescimento industrial vai uma grande distância.

Um segundo elemento que vem sendo superestimado é o impacto da rápida expansão da oferta de gás de xisto. A despeito de constituir uma solução “do tempo do onça”, desprovida de qualquer charme tecnológico, é incontestemente o benefício energético que a grande disponibilidade a baixo custo do “shale gas”, que já responde por 40% da produção do país, pode trazer para o barateamento dos custos de energia. Porém, todo e qualquer gás enfrenta sérias limitações técnicas e econômicas como base de matriz energética, em função das dificuldades de armazenamento e transporte, em contraposição especialmente a combustíveis líquidos. E o de xisto, por suposto, não é diferente.

Assim, pode-se esperar do gás de xisto efeitos muito positivos sobre as condições de competitividade de algumas indústrias de insumos básicos, ergo-intensivas, como a petroquímica, celulose e papel, siderurgia ou minerais não metálicos, para as quais o gás de xisto realmente cai como uma luva.

No caso da petroquímica americana, nunca é demais lembrar que o setor manteve-se forte no país até recentemente (final da década de 1990) e que agora se vê efetivamente diante de uma oportunidade de revitalização. Todavia, encontrar os canais pelos quais a disponibilidade de gás de xisto poderá ajudar a trazer a indústria mais leve (eletrônica, bens de consumo) de volta da Ásia é bem mais difícil. Sem isso, muito provavelmente o “shale gas” não terá o empuxe industrial tão amplo quanto alguns estão imaginando.

O terceiro argumento que vem sendo manejado como evidência de um salto industrial dos EUA refere-se aos prenúncios de que uma nova rodada de automação da produção, agora por meio da robótica, se encontraria em vias de concretização. No entanto, a idéia de que uma mudança tecnológica que propicie a eliminação radical de trabalho possa anular as vantagens de custo de mão de obra detidas pelos países emergentes parece incompatível com a trajetória estrutural recente da economia americana.

De fato, somente ao longo da década de 2000 o emprego industrial nos EUA caiu 30%, enquanto a produção industrial manteve-se basicamente constante. Ao mesmo tempo, ao contrário daqui, aonde os salários vêm crescendo à frente da produtividade há anos, nos EUA os salários crescem menos que a produtividade há décadas. Significa que mais cedo ou mais tarde haverá uma pressão pela recomposição dos salários que tenderá a comprometer a competitividade industrial de lá.

Não há, portanto, razão para se esperar uma evolução da relação câmbio-salário que venha a favorecer a retomada industrial do país. Nesse quadro, uma resposta baseada em robôs significaria um estreitamento e não um alargamento das potencialidades industriais do país pois ainda são em pequeno número as atividades em que os robôs se mostram mais competitivos que a automação convencional.

Por fim, há uma dimensão da questão que não pode ser deixada de lado. Olhando em uma perspectiva histórica, a contribuição da indústria de transformação (em moeda constante) na geração de valor na economia americana vem se mantendo estável, em torno de 17%, desde o pós-guerra. Em moeda constante, desde 1970 até o presente o produto industrial dos EUA subiu mais do que o do Japão ou o da Alemanha, apenas para exemplificar com as duas principais potências industriais do século passado. Em termos de participação no PIB (em valores correntes), o peso da indústria manufatureira americana mostrou uma queda absolutamente em linha com a ocorrida na maioria das nações desenvolvidas.

Na linguagem usual do debate brasileiro sobre desindustrialização, os EUA não teriam experimentado nada parecido nas últimas décadas. Com isso, fica ainda mais difícil encontrar a racionalidade da tese da reindustrialização e qual a real intenção dos seus arautos. Há alguns anos causou espécie uma capa da revista *The Economist* com o Cristo Redentor decolando tal qual um foguete. Portanto, caro leitor, se qualquer dia desses aparecer uma nova capa da revista com a Estátua da Liberdade alçando vôo, na dúvida, desconfie.

PS. Em tempo, para não deixar de falar de outras mazelas da recuperação americana, lembro que não foi possível atualizar os dados utilizados no texto porque, devido ao apagão governamental, o site www.bea.gov do US Bureau of Economic Analysis (o IBGE americano) está indisponível.

David Kupfer é professor licenciado e membro do Grupo de Indústria e Competitividade do Instituto de Economia da UFRJ (GIC-IE/UFRJ) e assessor da presidência do BNDES. Escreve mensalmente às segundas-feiras. E-mail: gic@ie.ufrj.br. As opiniões aqui expressas são do autor e não necessariamente refletem posições do BNDES.